



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da Usina de Biodiesel da Agropalma**

Belém-PA, 27 de abril de 2005

Meu caro amigo e governador do estado do Pará, governador Simão Jatene,

Meu caro companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,

Minha querida Dilma Rousseff, ministra de Minas e Energia,

Meu querido companheiro Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Senhora Valéria Pires Franco, vice-governadora do estado do Pará,

Desembargador Milton Nobre, presidente do Tribunal de Justiça do Pará,

Senhor Waldez Góes, governador do Estado do Amapá,

Senadora Ana Júlia,

Senador Luiz Octavio,

Deputados Federais Paulo Rocha e Zé Geraldo,

Meu caro Duciomar Costa, prefeito da cidade de Belém,

Senhor Hilário de Freitas, diretor-geral do grupo Agropalma,

Senhor Luiz Rodolfo Landim Machado, presidente da Petrobras Distribuidora,

Meu caro Paulo Guilherme Monteiro Lobato Ribeiro, presidente executivo do Banco Alfa,

Meu caro Marcello Brito, diretor comercial do grupo Agropalma,

Meus amigos,



Minhas amigas,
Senhores e senhoras,
Jornalistas do estado do Pará e do Brasil,

Eu penso que num momento importante como este nós temos que ter a certeza dos passos que estamos dando para construir o Brasil para os próximos 10, 15 ou 20 anos.

A nossa vinda ao estado do Pará é para visitar a Agropalma, visitar a cidade de Moju, receber as reivindicações do Prefeito, conversar com os trabalhadores e com as trabalhadoras rurais que, organizados, recebendo incentivos do governo do estado e da Agropalma, estão podendo conquistar condições de vida mais digna, para melhor poder cuidar dos seus filhos.

O Brasil poderia ter, ao longo do tempo, utilizado melhor a sua inteligência. O Brasil tem quadros, pesquisadores, cientistas dos mais extraordinários que o mundo pôde produzir.

Ainda esta semana, tivemos a entrega do Prêmio Científico, lá no Palácio do Planalto, e figuras nobres da ciência brasileira foram condecoradas. E, da próxima vez, eu prometo condecorar o nosso querido Donato Aranda, da Escola de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro, responsável pelo desenvolvimento do biodiesel aqui, na Agropalma. Como ele é muito jovem, ele ainda pode esperar um tempo para receber a sua condecoração.

Bem, eu penso que antes de eu ler o meu pronunciamento, tem muita gente que entende o que nós estamos fazendo aqui. A Agropalma é uma indústria que está instalada aqui no estado desde 1982, é uma empresa que tem um alto conhecimento científico e tecnológico, produz vários produtos do dendê. E, de tudo que ela conseguia extrair do dendê, 4%, que era o chamado “lixo do dendê”, a Agropalma ficava, muitas vezes, preocupada, porque não tinha quem comprasse, às vezes era obrigada a dar, quase de graça, para se utilizar na produção de sabão.



O que nós estamos fazendo aqui não é nenhuma invenção, além daquilo que a Agropalma já sabia fazer, e já fazia perfeitamente bem, como a margarina, como a manteiga mais amarelada – que eu nem sabia que tinha urucum, fiquei sabendo hoje – o que nós estamos fazendo aqui é colocar em prática uma política pública de Estado, criando uma nova matriz energética para o nosso país. A Dilma disse que nós produzimos energia de várias coisas, mas a Petrobras, que é a grande produtora de combustível neste país e que já está quase chegando à auto-suficiência, ainda assim, Landim, se não me faltam os números, a Petrobras importa, praticamente, três bilhões e meio de dólares de petróleo, quase todos da Nigéria, porque nós não só não produzimos o suficiente, como nós precisamos do petróleo para extrair uma parte do biodiesel que os nossos ônibus, os nossos caminhões, algumas locomotivas, algumas termelétricas, os nosso tratores utilizam.

Segundo, é importante ter em conta que poucos países do mundo têm a grandiosidade territorial pronta para a agricultura que tem o Brasil. Poucos países do mundo têm a quantidade de sol, a quantidade de água e a quantidade e qualidade da terra e dos trabalhadores que tem o Brasil.

Ora, nós estamos vendo pela imprensa que, de vez em quando, há uma guerra, de vez em quando há ocupação de um país e, de vez em quando, a gente percebe que parte das guerras se dão em função de uma briga pelo petróleo, que toca parte da riqueza produzida no mundo. Quando nós resolvemos transformar a frota de ônibus, tratores e caminhões, no Brasil, numa frota que passasse a utilizar 2% de biodiesel numa mistura no óleo diesel, era uma coisa que parecia impossível. Sabem os Ministros que estão aqui que nós demoramos, praticamente, um ano envolvendo não apenas o governo, mas envolvendo instituições científicas para que a gente pudesse convencer, inclusive, a indústria automobilística que esse projeto era vital e era um projeto que poderia, num médio prazo de tempo, garantir que o Brasil tivesse um pouco mais de independência aos olhos do mundo, na medida em



que o Brasil pode ser um grande exportador de biodiesel para o mundo.

Quero dizer uma coisa para vocês: o Roberto Rodrigues, um dia, me explicava como é que surgiu o Pro-Álcool no Brasil. O Pro-Álcool no Brasil não foi nenhuma invenção que, um dia, um cidadão resolveu ir plantar cana para produzir álcool. O problema do Pro-Álcool no Brasil surgiu porque a cana chegou a estar, o açúcar, no mercado internacional, a 1.260 dólares a tonelada; e vocês sabem como é que é na agricultura: todo mundo correu para plantar cana-de-açúcar e, dois anos depois, o açúcar passou a valer apenas US\$200 no mercado internacional. E na discussão de o que fazer com a cana-de-açúcar se definiu a idéia de produzir o álcool, que hoje já está consolidado na matriz energética brasileira.

Nós, aqui, estamos dizendo para vocês: nós vamos transformar o biodiesel em uma segunda fonte da nossa matriz energética para combustível para tornar, não apenas o Brasil mais independente da necessidade do petróleo que um dia pode acabar, mas depois da aprovação do Protocolo de Kyoto pelo Congresso – primeiro aprovado em Kyoto, no Japão, e depois referendado por um país importante como a Rússia, no ano passado – certamente o mundo vai, cada vez mais, precisar utilizar outro tipo de combustível que não um combustível derivado do petróleo.

E aí é que entra a capacidade de um país como o Brasil poder produzir essa alternativa, que eu acho extraordinária e acho que, daqui a 30 anos, muitos brasileiros – o Aranda já vai estar velho, com uma bengalinha na mão, e vai ser homenageado em muitos lugares – vão dar muita importância ao passo que estamos dando hoje.

A Agropalma, a partir do momento que começa a produzir o biodiesel combustível, vai pegar os 4% do resíduo do lixo que tinha que jogar fora ou vender para alguém, quase pagando para as pessoas pegarem o resíduo deles, e vai transformar isso em combustível para que coloquemos nos nossos tratores, nos nossos caminhões e nossos ônibus.



Vocês viram aqui que a Dilma é muito racional. A Dilma, talvez por ser mulher, é mais equilibrada, possivelmente tenha mais juízo. Vocês viram que ela falou que vamos começar com 2%, depois vamos chegar a 5%, e não sei das quantas. Eu acho que, do ponto de vista do planejamento, maravilhoso, é isso mesmo que tem que fazer. Mas, minha querida Ministra de Minas e Energia, se o petróleo continuar a subir como está subindo, podem ficar certos que o biodiesel vai ser utilizado em maior quantidade, em um prazo muito menor do que todos nós estamos pensando.

Porque nós não vamos mandar divisa para fora se pudermos utilizar as nossas termoelétricas a biodiesel. Para que queimar óleo diesel? Ou utilizar gás, ou seja, o que nós temos é que procurar alternativas que muitas vezes parecem mais complicadas, mas o que falta, na verdade, é determinação para transformar isso em política de Estado.

E, governador Jatene, toda a discussão que fizemos sobre o biodiesel, que teve a participação de todos os centros de pesquisa no Brasil, de nove ministérios, de todo o movimento sindical e de mais outras pessoas das universidades que participaram, todos chegaram à conclusão de que o Programa do Biodiesel deveria ser considerado prioritário para as regiões com menos desenvolvimento no nosso Brasil: para a região Norte e para a região Nordeste, mais uma região do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, que é uma parte muito pobre de Minas Gerais.

E o Brasil está em uma posição confortável, porque pode produzir o biodiesel a partir do dendê, do girassol, do caroço do algodão, da soja, da semente de melancia, da semente de jerimum, da semente de tudo o que vocês possam imaginar, ou seja, da variedade... Eu não sei se vocês perceberam que o Landim preparou uma agropalma aí, não sei se vocês atentaram. É que nós falamos aqui da Agropalma, falamos do dendê e, no posto de gasolina, o desenho era de um girassol. Isso não importa, porque na hora em que os dois chegarem ao posto de gasolina, eles vão se misturar e



vão ser uma coisa só.

Então, o Brasil tem uma variedade de possibilidades, mas queremos começar pelo Norte e pelo Nordeste brasileiros, porque são duas regiões que precisam ser alavancadas para que sonhemos que, daqui a 10, 15 ou 20 anos, estejam equiparadas, no seu desenvolvimento, às regiões mais desenvolvidas do Brasil.

É por isso que estamos dando tanta importância à palma aqui no Norte e estamos dando muita importância à mamona no Nordeste brasileiro, sobretudo na região do semi-árido, onde pouca coisa que se planta dá, e a mamona é uma coisa que, se plantando, dá. Então nós vamos utilizar, para organizar a agricultura familiar em cooperativas, para fazer com que as pessoas aprendam o prazer e o sabor de ganhar um pouco de dinheiro no final do mês para levar para sua família alguns benefícios que nós, que estamos na cidade, já aprendemos a ter. Não é o trabalhador ficar escravizado na idéia da agricultura de subsistência: “eu tenho terra, eu vou plantar apenas a mandioca para comer, o feijãozinho ou o milho para comer”. Ele pode plantar a mandioca, o milho, pode plantar o que quiser para comer. Mas ele tem que plantar alguma coisa que faça com que ele possa conquistar maior importância, participar da sociedade e fazer com que a sua família tenha acesso a benefícios que hoje estão muito distantes dele.

Por isso o Nordeste e o Norte são áreas de prioridade no nosso trabalho, e o ministro Miguel Rossetto tem, como tarefa, conversado com todos os movimentos sociais no sentido de mostrar para as pessoas, de os sindicatos rurais se organizarem, de orientarem os trabalhadores, de organizarem cooperativas, para que possamos estabelecer parcerias como aquela que vimos na Agropalma, lá na cidade de Moju.

É isso que nós queremos para este Programa, e é por isso que, além de produzir o combustível, ele vai produzir muita inclusão social neste país, sobretudo para a parte mais pobre da nossa população.



Portanto, fiquem tranquilos, que o objetivo do Programa, além de atender o mercado de combustíveis, é atender a necessidade de sobrevivência de milhões de famílias brasileiras que moram nos estados mais esquecidos, historicamente, pelo grande poder central, desde os tempos do Império.

Agora que eu vou fazer o discurso.

Poucos países do mundo encontram-se tão preparados quanto o Brasil para enfrentar um dos maiores desafios do nosso tempo.

Falo da transição da matriz energética em direção a fontes limpas e renováveis de abastecimento, algo que esta usina de biodiesel em plena região amazônica simboliza tão bem e de forma extraordinária.

O Programa Nacional de Biodiesel é a prova irrefutável de que o nosso país está na linha de frente de uma das principais transformações que vão marcar a economia internacional das próximas décadas.

Não se trata apenas de dar uma resposta ao esgotamento das reservas mundiais de petróleo, por si só, uma razão já suficientemente forte e impositiva. Porém, é mais que isso. Há um imperativo de sobrevivência planetária que o protocolo de Kioto consagrou na forma de um novo consenso entre os povos.

Se nada for feito para limitar a emissão de gases poluentes, em menos de cinco décadas o aquecimento global poderá extinguir 24% da biodiversidade terrestre e gerar efeitos desastrosos à vida humana em diferentes partes do planeta.

Minhas senhoras e meus senhores,

O Programa de Biodiesel reforça o passaporte estratégico do Brasil para um futuro sustentável que amplia nossas vantagens comparativas e atualiza nossa soberania histórica. Mais de 40% da matriz energética nacional já se apóia em fontes renováveis de abastecimento, enquanto no resto do mundo essa média está em 19% e, nas nações mais ricas, não chega a 7%.

Portanto, se a transição energética introduz uma sombra de incerteza no horizonte de muitas nações, no nosso caso a abundância de fontes limpas e



renováveis oferece uma oportunidade para acelerar o projeto de desenvolvimento justo e equilibrado que tanto buscamos.

As vantagens históricas que temos no campo energético estão sendo e serão direcionadas também para desenvolver uma sociedade calcada na universalização de direitos e na consolidação dos valores compartilhados pela convivência democrática, solidária e republicana.

É isso que temos feito, por exemplo, ao estender o Bolsa Família a mais de 6 milhões e 700 mil famílias pobres do país. O Programa vai atingir 11 milhões de pessoas até 2006. Somente em Belém, são mais de 35 mil famílias que recebem o Programa.

É o que temos feito, ainda, ao fixar o salário mínimo em R\$ 300 reais a partir de 1º de maio, que vai fazer circular mais R\$ 21 bilhões e 800 milhões de reais na economia brasileira, nos próximos 12 meses.

É o que temos feito com a massificação do empréstimo consignado, que deve atingir R\$ 25 bilhões de reais este ano; e com o microcrédito, que em 2005 terá quase vinte vezes mais recursos do que nos anos passados.

É o que estamos fazendo, também, com a democratização da universidade, sobretudo para os estudantes pobres, através do Prouni. É o que temos feito com o apoio à agricultura familiar, através do Pronaf. É o que estamos realizando com o Programa Luz para Todos, que vai levar a eletricidade a todos os brasileiros. Foi o que fizemos com a nossa indústria empresarial, que se transformou, em poucos anos, na agricultura mais competitiva do planeta Terra. Com o amparo à juventude, através do Soldado Cidadão e do ProJovem. Com o projeto de revitalização do rio São Francisco, que vai levar água a mais de dez milhões de brasileiros que vivem nas regiões do semi-árido. Com as políticas de manejo sustentável das nossas florestas, como está sendo feito na região de Anapu, com apoio do governo do Estado.

E, finalmente, com as obras de infra-estrutura para acelerar e expandir o crescimento, como é o caso da rodovia 163, que será pavimentada entre



Rurópolis e Santarém com recursos da União, além do trecho até Itaituba, que será realizado com as Parcerias Público-Privadas.

Meus amigos e minhas amigas do estado do Pará,

O Brasil consome 36 bilhões de litros de diesel e importa 17% desse total com gastos de cerca de US\$ 800 milhões de dólares por ano, só para o diesel. Com a mistura obrigatória de 2% do biodiesel ao derivado de petróleo, vamos economizar US\$ 160 milhões de dólares, e cerca US\$ 400 milhões de dólares com a adição de 5% à mistura. Nessa primeira etapa, vamos substituir 21% das importações por 800 milhões de litros de biodiesel extraídos da mamona, da palma, do dendê e da soja.

Serão criadas aproximadamente, no Brasil inteiro, 250 mil ocupações nas regiões mais carentes do Norte e Nordeste brasileiros, disseminando-se cooperativas, graças ao incentivo fiscal que beneficiará a agricultura familiar. O que vemos hoje, aqui no Pará, é um exemplo dessa convergência de esforços.

A Agropalma já trabalha há dois anos com 150 famílias de pequenos produtores de Moju e Tomé-Açu que cultivam 1.500 hectares de palma. Agora, com o incentivo do biodiesel, incorporará outros 15 mil hectares de pequenos colonos da região.

O governo poderia fazer do biodiesel um projeto exclusivo de grande escala. Mas nós estamos convencidos de que não há outro caminho para superar os gargalos brasileiros senão o caminho da parceria e da solidariedade.

Desenvolvimento, tal como o entendemos, não é concentração de privilégios. Desenvolvimento é uma singular combinação de consenso social, grandeza política, prontidão histórica, competência técnica e democratização de oportunidades.

Ao criar esse alicerce transformador, uma nação deixa de ser governada pelas circunstâncias para governar seu destino pela vontade do povo e realizar seu potencial na história. Falo de fatos, de lastro e de números.



Há trinta anos, quando assumi a presidência do Sindicato dos metalúrgicos do ABC, o Brasil importava um milhão de barris de petróleo por dia. Setenta por cento do nosso abastecimento vinha de fora e a Petrobras garantia apenas um terço da demanda doméstica.

Nesse quadro de vulnerabilidade deu-se o primeiro choque do petróleo. Os preços quadruplicaram da noite para o dia. Na tensão da crise, o Brasil inventou o Pro-Álcool. Quatro anos depois, em 1979, o carro movido a etanol circulava pelas ruas do país.

Hoje, somos líder mundial na produção de álcool combustível, com mais de 14,5 bilhões de litros por ano. O álcool produzido no Brasil custa 50% menos que o norte-americano e 30% menos que o europeu.

Temos credenciais para fazer deste país o maior fornecedor do mercado mundial de combustíveis renováveis, que exigirá mais dez bilhões de litros nos próximos cinco anos só para atender, hipoteticamente, a demanda japonesa.

O que é mais importante é que as inovações incorporadas à matriz energética nacional, como é o caso do biodiesel, não se fazem em detrimento das fontes convencionais. Ao contrário. Estamos retomando obras de 17 hidrelétricas para adicionar mais 4.149 megawatts à capacidade instalada do país.

A Petrobras vai investir R\$ 30 bilhões de reais este ano. É o maior investimento já feito por uma única empresa em toda a história da economia nacional. Sessenta por cento dos recursos serão destinados à exploração de petróleo e gás, o que significa que a produção brasileira vai aumentar em 14%, saltando de um milhão, quinhentos e sessenta mil barris/dia, para um milhão e setecentos mil barris/dia até dezembro.

Ou seja, o sonho de uma geração que ousou acreditar no país, criou a Petrobras, lutou contra o ceticismo e rejeitou a pregação antinacional, agora é uma realidade ao alcance de nossas mãos. Estamos no limiar da auto-suficiência do petróleo.



Senhoras e senhores,

Pela primeira vez na sua história, o Brasil exhibe uma equação feita de contas externas superavitárias, autonomia energética quase total e crescimento econômico suficiente para elevar a renda per capita da população, como aconteceu no ano passado.

O Programa de Biodiesel sinaliza um passo à frente nessa trajetória. Ele diversifica e descentraliza as fontes regionais de abastecimento. E dissemina, assim, novos pólos de desenvolvimento local, num país que é, ele todo, uma usina inesgotável de combustíveis renováveis graças à terra farta, à luminosidade plena e à riqueza hídrica sem igual. Um país, enfim, que tem lastro técnico, massa crítica e garra política para continuar criando muito melhores condições de vida para o nosso querido povo.

Muito obrigado.